



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

\* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho \*

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração - Calçada do Cembo, 58-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. telegr. Valhava - Lisboa - Telefone?

Oficinas de impressão: Rua de Atalaia, 124

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## Á POPULAÇÃO DE LISBOA

### Hoje, às 14 horas, sessões nos Sindicatos Operários

Para assistir a essas sessões deve o proletariado abandonar o trabalho

**Proibido, pela autoridade superior do distrito, o comício que hoje devia realizar-se no Parque Eduardo VII para que a população de Lisboa afirmasse o seu mais vibrante protesto contra a ganância dos senhorios, que pretendem aumentar legalmente as rendas das casas, apesar de no seu máximo número já o terem feito à margem da lei, a União dos Sindicatos Operários, em sua reunião de ontem, resolveu recomendar aos trabalhadores que, apesar de proibido o comício, DEVEM ABANDONAR HOJE, À TARDE, O TRABALHO, E DIRIGIR-SE AOS RESPECTIVOS SINDICATOS PROFISSIONAIS, onde, ÁS 14 HORAS, se realizarão sessões de protesto contra a estulta pretensão dos senhorios e será aprovada a moção que deveria ser presente ao comício.**

Para essas sessões, convida este organismo a assistir também o inquilinato que não pertence propriamente à classe operária, uma vez que se não trata duma reclamação corporativa, mas dum assunto de interesse quase geral.

Em relação ao operariado, espera a União dos Sindicatos Operários que este, revelando o seu interesse pela palpitante questão que ora se debate, abandone na tarde de hoje o trabalho, produzindo assim uma manifestação cuja eloquência seja suficiente a convencer os senhorios de que a população de Lisboa não se sujeitará a quaisquer aumentos nas rendas das casas.

Trabalhadores manuais e intelectuais de Lisboa: provai com um grande exemplo que estais dispostos a resistir à desenfreada ambição dos senhorios.

### UNIÃO DOS SINDICATOS OPERÁRIOS

## A proibição do comício

Está confirmada a notícia da Manifestações populares basta a proibição do comício operário que hoje devia realizar-se com o intuito de procurar o inquilinato defender-se da especulação impossível que sobre ele vem sendo exercida, por parte dos senhorios. O certificado oficial dessa proibição consta do ofício ontem enviado pelo governador civil à União dos Sindicatos Operários de Lisboa. Merece a pena transcrever documento, bem digno de figurar na história dos crimes que as instituições e os homens da República tem praticado para com as classes trabalhadoras. Vem melifluido e amável o ofício do governador civil. Tam melifluso como dipócrata. Há nela uma infração grave da Constituição da República, que as autoridades deviam pejá-lo de cometer. Mas está nela principalmente revelada, uma vez mais, a cobiça, o mancamento, a cumplicidade do governo com os que possuem, em declarado detrimento dos interesses dos que trabalham. Há nela de verdadeiramente essencial para nós que é o atentado às liberdades públicas, a supuração mal disfarçada de um espírito tiranista que se não tolera já. Anos, porém, de continuarmos na apreciação desta última arbitrariedade da força, melhor será submeter à análise do operariado o documento, assinado pelo sr. Presidente Salgueiro, onde essa arbitrariedade se consigna. Diz assim:

Atendendo às circunstâncias políticas do momento venho comunicar-vos que não julgo conveniente a realização do comício público para debate do problema do inquilinato que pelos srs. Diderio Santos e José Paulo fui a este governo civil participado nos termos da lei e que seencionava realizar amanhã, 27, nas terras do Parque Eduardo VII. Eram escusadas as declarações categoricas dos periódicos operários para que o governo deixasse de imiscuir em quaisquer manejos políticos que se traçam, nem a proibição deste comício pode ser levada à conta de tal, mas tão somente para que quaisquer incidentes, tan naturais em multidões, não possam envir intenções que não as vossas.

O governo da República é agradável saber que por iniciativa particular se estudam e debatem assuntos importantes como o de que se trata. Já por mais de uma vez tem afirmado que essa iniciativa particular pode e deve ser o melhor cooperador da ação governativa. É do seu conhecimento que nas associações de classe se tem debatido desde há tempo o problema do inquilinato e até que se lhe tem atribuído intenções que nunca teve nem tem.

Não permitindo agora a realização do comício encarrega-me de vos comunicar conjuntamente o seu convite para que os debates se façam nas vossas associações ou quaisquer outros recintos fechados, e para que lhe sejam apresentadas as conclusões a que chegarem para serem devidamente consideradas pela comissão de estudo nomeada pelo ministério respectivo.

Diz o governador civil, no primeiro período da sua comunicação, que «não julga conveniente a realização do comícios». Já cá se sabia. A agitação do povo nunca foi grata à gente do poder.

«Não permitindo agora a realização do comício...»

Note-se que em nenhuma passa-

gação do comício de hoje. Diz-se que é efectuada por meio das urnas eleitorais onde um certo número, por felicidade crescente, de ingénuos, vai deixar a sua tábua para a construção da escada onde ascendem, na razão directa do desmobilamento e da falta de escrúpulos, os ambiciosos da política. «Não julga conveniente...» Pudera! Mas também as autoridades monárquicas por certo não julgam conveniente a realização dos comícios republicanos, onde os que hoje nos premem cantaram outrora, com sedutoras mimosidades de retórica, mentindo como prostitutas e pela mentira conspurcando uma ideal de liberdade que nunca em suas almas foi sentido. Todavia, a monarquia permitiu os comícios republicanos, au grand air, no coração da cidade, nas horas mais movimentadas do dia. A monarquia não sou, não teve o desplante de proceder para com os republicanos de uma forma sequer longínquamente aproximada daquela por que tem agora os republicanos procedido para com o operariado organizado. Por todos os escrúpulos desapareceram em 1910.

E que pretextos invoca a autoridade para assim coartar ao povo o direito sacrossíssimo de defender os seus interesses, a sua situação, a sua vida, posta em perigo pela sórdida cupidez dos proprietários? O comício realizar-se ia em absoluta conformidade com a lei — o próprio ofício do governador civil o reconhece. A participação legal foi feita a tempo e horas, e subscreta por indivíduos satisfazendo todas as condições exigidas na lei. Que razões se apresentam pois a justificar a despótica medida, razões outras que não a confusão perigosa de sempre, feita pelos homens da República, entre as suas caprichosas vontades de tiranetes e os direitos dos homens, já há muito conquistados? O ofício transcrituado mais de nada diz a este respeito. O governador civil declara-nos que cumpriram os promotores do comício as prescrições legais. Declara mais que não reconhece o operariado qualquer autoridade que à segurança da República Ajunta que lhe é agradável ver, pelo povo, debatida a questão do inquilinato. Afirma que a iniciativa particular «pode e deve ser o melhor cooperador da ação governativa». Todas estas razões veem em nosso auxílio a demonstrar quanta sem razão, quanto revoltante despotismo encerra a determinação da autoridade. Mais eis que o governador civil desta forma enceta o último período do seu decreto:

«Não permitindo agora a realização do comício encarrega-me de vos comunicar conjuntamente o seu convite para que os debates se façam nas vossas associações ou quaisquer outros recintos fechados, e para que lhe sejam apresentadas as conclusões a que chegarem para serem devidamente consideradas pela comissão de estudo nomeada pelo ministério respectivo.

No fim de contas, o que a autoridade não diz sobre as razões da sua determinação, podemos nós reconstituir sem grande esforço. O governador civil proibiu o comício porque, delegado dum go-

vernista, seu sócio, o comandante da borguesia, sua aliada. Há pouco dissemos nós que esta campanha do inquilinato não visava o governo. Deixássemos-nos derimir livremente a contenda com os proprietários. Pois toma agora a questão um novo aspecto e uma maior latitudine. O governo põe-se diante, a cobrir, com as couraças dos seus soldados, o corpo dos senhorios. Não se lembraria nunca de intervir no assunto e é assim que os proprietários, sobretudo de burras, transmitem para o «não permitido». No critério oficial encontram-se sinônimos entre aquelas frases e julga-se equivalente a aumentos nos alugueis. Se o governo quisesse realmente assegurar a ordem ter-se-ia apressado a intervir nesta especulação de salteadores que só poderia engendrar a revolta. Todavia, o governo não intervém e deixou em paz os ricaços que entregues aos seus manejos de vampiros. Para amigos, mãos rotas. Ao cabo de tantíssima exploração, e na iminéncia de um novo assalto, eis se vêm os inquilinos empurrados para um protesto, cujos fins a ninguém poderão já hoje deixar dúvida, tantas vezes os temos aqui exposto. Pois é então que a autoridade se lembra de intervir, dificultando a construção do dique projectado para conter o desafogo dos donos de Lisboa. Fica ou não provada exuberantemente, com tais factos, a culpabilidade de quem é responsável?

Um lado vantajoso tem, contudo, a situação de hoje: é que os campos se definiram e extremaram nitidamente. Dum lado, o setor de braço dado com o governo. Doutro lado, o inquilino apenas. O senhorio rouba; e gênero amordaça a vítima. Temos que contar com as nossas exclusivas forças para lutar, que ninguém pensou em desistir da luta. Há, por sorte, um número infinitamente maior de inquilinos indignados que o de beleguins para fazer cumprir os mandatos de despejo do juiz. Nada está perdido. Mesmo sem comício, fica estabelecida, entre uma população inteira que a autoridade acaba de vexar, a comunhão de aspirações e de vontades que há de saber aproximar a vitória!

Sindicância aos Transportes Marítimos

O juiz da Relação de Lisboa, sr. dr. Caetano Gonçalves, foi nomeado para proceder a uma sindicância aos actos do capitão-tenente sr. Alvaro Augusto Ribeiro, como director dos Transportes Marítimos do Estado. A sindicância é feita a pedido daquele oficial que ficará afastado do exercício das suas funções enquanto ela durar e substituído pelo oficial de marinha sr. Santos Fernandes.

Os desesperados

Suicidou-se ontem, por enforcamento, mercadoria Francisco Arcano Ramos, ruivo Arco do Cego, 19, que apresentava ter 59 anos. O cadáver foi descoberto das formaldas legais, para a Morgue.

### C. G. T. Comité Confederal

O Comité Confederal tomou conhecimento do modo como decorreu a missão organizadora do secretário geral na província, depois do que tomou as necessárias medidas para que os seus resultados no futuro sejam o mais profícuo possível.

O Conselho Confederal, ao contrário do que havia sido anunciado, não reunir-se-á no dia 1 Dezembro, em virtude da morosidade no envio das adesões antes daquela data.

O Comité Confederal insiste com as federações de indústria, uniões locais, sindicatos nacionais e isolados, para que enviem o mais rapidamente possível as respectivas adesões, a fim de que o Conselho Confederal reúna com brevidade, como o requer as necessidades da organização.

Como consequência das observações feitas na missão de organização à província, e atendendo ainda a várias reclamações de diferentes organismos, o comité confederal resolveu que a cotisação sindical, federal e confederal, passe a ser feita com um único selo, indo-se, assim, ao encontro da aspiração formulada no congresso de Coimbra, usando cada federação um sindicato uma sobrecarga indicativa do valor da cota que cada sindicato cobra aos associados.

A Confederação fornece as caderetas aos sindicatos e respectivos sélos confederais, que passarão a ser semelhantes.

O comité enviará aos organismos, junto com a caderneta modelo, uma circular para os elucidar sobre aquelas alterações, sendo necessário, entretanto, que as direcções dos sindicatos, especialmente, dediquem desde já a máxima atenção a este assunto, para que se previnam.

A nova cotisação entra em vigor no próximo mês de Janeiro. O comité lembra-lhes a conveniência de, desde já, inviarem, directamente ou por intermédio das respectivas federações de indústria ou uniões locais, a nota da quantidade de caderetas que necessitam para os associados e bem assim o número destes para se saber a quantidade de selos que é necessário mandar imprimir.

• • •

### Emprestimo para Moçambique

Pensa-se em contrair um grande em-

préstimo para a província de Moçambique, para o complemento da rede ferroviária e conclusão das linhas já começadas, dragagem dos portos, construção de estradas, obras de fomento, desenvolvimento agrícola, auxílio aos pequenos agricultores e ainda o reembolso ou conversão de empréstimos anteriores.

• • •

### O movimento de hoje

#### União dos Sindicatos Operários

Para ultimar trabalhos que se prendam com o movimento de hoje contra os senhorios, realiza-se a assembleia de delegados às 10 horas prefixas.

Que nenhum delegado falte.

#### As sessões de hoje

Como protesto contra a proibição do comício pelo governador e para apreciar as medidas a reclamar contra a ganância dos senhorios reúnem hoje as seguintes associações de classe: Marceneiros, às 14 horas; Compositores tipográficos, às 14; Canteiros e Políclides de Mármore, às 14; Caixeiros de Livraria, às 13; Federação dos Empregados no Comércio, às 13; Empregados de Escritório, às 13; Empregados de Drogarias, às 13; Operários do Município, às 15; Polidores de Mármore, às 14; Caixeiros de Livraria, às 13; Federação dos Empregados no Comércio, às 13; Empregados de Escritório, às 13; Empregados de Drogarias, às 13; Operários do Município, às 15; Polidores de Mármore, às 14.

e, por estas madrugadas frias de outono, dos lares proletários desapareceu a recomfortante chavena de café

Estas madrugadas do outono de 1919, de generos alimentícios porque a isso se opõem as baixas em nome da ordem e da propriedade privada.

E o governo? Que faz o governo? O governo tudo consente e cai, o governo abdica perante as burras dos comerciantes como abdicou perante a roleta dos clubes ricos. Podem os burgueses devorar à vontade doces em quanto nas casas dos trabalhadores há frio e lamentos, porque não há ninguém que lhes brade forte quando que já não tem direito a gastar superficialmente um género de primeira necessidade quando o povo desloca penuria. Mas não é o governo quem adopta esta atitude energica. Ele conserva-se intacto, procurando viver com deus e com diabo, deixando o comércio trucidado sobre o corpo exangue dos trabalhadores, mantendo uma neutralidade cobarde, deixando que os seus áulicos e burocratas auxiliem esse condado nos seus criminosos meios. Falta o açúcar e o caso é grave. Mais grave do que muitos julgam. O frio triunfa entre as classes operárias, espanhola a doença e o desânimo, vence em toda a linha. Não há açúcar com que adquirir uma bebida confortável e aço das enxadas já não morde com tanto vigor a terra nem os preços e as forjas são manejadas tam facilmente. Há quem não alcance em toda a sua extensão as consequências desastrosas do desaparecimento do açúcar. Uma guloseima que exclama-se indiferentemente. Mas é uma guloseima que abrandea os horrores da fome, que constitui um alimento que dá um certo conforto, que quebra as arestas adegaçadas deste inverno precoce, deste inverno que já nos fustiga com as suas nortadas e as suas chuvas, sem se lembrar, impiedoso, que vem aumentar as dores e sofrimentos dos réprobos, dos párias, dores e sofrimentos originados pela ganância desmedida de alguns homens egoístas, em que não existe o amor à humanidade, em que a sede da ganância alienou por completo o sentimento do justo e do aceitável.

### Por toda a parte os mesmos

— Não me parece que o nosso povo deseje uma revolução sangrenta, declarava um importante homem de negócios londrino a um redactor do Daily Herald. Não é esse o sistema inglês, mas, se o povo vê tocinho em quantidades enormes apodrecer nas docas, açúcar correr para a água, peixe lançado outra vez ao mar às toneladas, enquanto ele a custo arranja que comer, e o preço do pão e de todos os artigos necessários continua a subir sem parar — não há remédio senão haver tumultos, e nesses tumultos não haverá instabilidade britânica que se salve?

O Daily Herald mostra então que os preços, tendo baixado um pouco nos seis meses que se seguiram ao armistício, estão agora mais elevados do que durante a guerra.

Actualmente são 130 por cento mais altos do que em 1914 e o ministro das subsistências previu nova alta para o mês corrente.

Calculado o total das despesas dumha família, esse total deve ser pelo menos 150 % mais elevado do que em 1914. A situação inquieta o próprio Times, órgão máximo da conservação social.

Entre nós, a situação é ainda pior, porque é maior a desproporção entre o custo da vida e o salário, que é hoje, relativamente àquele custo, menos de metade do que era antes da guerra.

Para mais, em Portugal, a falta de géneros é muito maior. Duas coisas abundam, porém: os especuladores da miséria e a paciência dos roubados.

## PELA POLÍTICA

Não houve nunca legislação alargada que não servisse para consolidar e erigir em sistema a exploração do povo trabalhador pela classe dominante.

Bakounine

Propagandista anarquista

## No palco parlamentar

### Coisas de pouco interesse.

Decorreu sem interesse de maior a sessão de ontem da Câmara dos Deputados. O presidente do ministério respondeu ao *leader* do Partido liberal, sr. António Granjo, que ainda não julgava oportuno e conveniente o momento para a Câmara se ocupar de assuntos que se relacionassem com a ordem pública, e o sr. Eduardo de Sousa, crendo que pela vigezima vez, pregou-nos que nenhum trabalhador consciente deixará de se manifestar, abandonando o trabalho e ajuntando-se aos seus camaradas nas sessões de protesto, para que bem alto se erga o brado de protesto não só contra a inexplicável ganância dos senhores mas ainda contra a atitude do governo que, desrespeitando a liberdade de reunião, profere a multidão operária da capital de, em reunião pública, tratar dos seus interesses.

## Manufactores de Tecidos

Na sua reunião da direcção, esta colectividade protestou energeticamente contra a ganância dos senhores a propósito do aumento das rendas das casas e contra alguns industriais que estavam violando a lei das 8 horas de trabalho, estando, na disposição de ir, se fôr preciso, até à greve geral.

Esta colectividade dá a sua adesão ao movimento que se está realizando contra os senhores gananciosos.

## Tática nova dos senhores

A sr.ª Delvina Silva reside numa casa da estrada do Caihal de Benfica, 62, 1º, onde paga de aluguer 337,5. Pois há dias recebeu uma carta assinada pelo sr. José Alves, como representante dos herdeiros de Luisa Rafael Alves, em que lhe notifica que a renda vai ser aumentada para 600. Particularmente foi avisada de que no recibo continuaria, embora ficasse a pagar os 600. Isto é, quase mais 100%.

Deste expediente se tem servido muitos outros senhores.

## A ganância dum sublocatário

O operário estufador José Menezes, há pouco vindo do Porto, alugou na rua Diário de Notícias, no 2º andar do prédio n.º 14, um quarto por que pagava a exorbitante renda de 725. Pois o sublocatário, ainda não satisfeito, exigiu-lhe mais 500 por mês, o que elevava a renda a 1225! Temos a razão para protestar contra o ganância dos senhores e sublocatários? O governo que é entende que o inquilino deve satisfazer-se com o trabalho moroso e pouco satisfatório duma comissão oficial, profibindo o grande comício anunculado para hoje.

## Carrageiros

Na assembleia geral desta classe, protestou energicamente contra a pretendida aumento das rendas de casa, falando diversos camaradas sobre o assunto, apresentando o camarada Jaime Martins a seguinte moção, que foi aprovada por aclamação:

Considerando que os senhores se preparam para a cumplicidade do governo para com os interesses dos trabalhadores; considerando que é de justiça que todos a classe operária dé o seu apoio a este movimento, pois se trata dos seus próprios interesses; A Classe dos Taneiros reúne para esse fim resoluve:

1.º Acompanhar o movimento de protesto da U. S. O.; 2.º Dar o seu incondicional apoio a qualquer movimento que se inicie de futuro para regularizar o pagamento do aluguel da habitação, bem como dos gêneros de primeira necessidade.

## Operários taneiros

Esta classe reuniu ontem, para protestar contra o aumento das rendas de casa, sendo aprovada a seguinte moção:

Considerando que a U. S. O. encetou um movimento de protesto contra os senhores; Considerando que é de justiça que todos a classe operária dé o seu apoio a este movimento, pois se trata dos seus próprios interesses; A Classe dos Taneiros reúne para esse fim resoluve:

1.º Dar o seu apoio à União dos Sindicatos Operários, no movimento contra o aumento projectado pelos gananciosos senhores; 2.º Que todos os taneiros amanhã, caso os jornais deem a notícia de que se resume o comício abandonem o trabalho ao meio dia, para comparecer no mesmo; 3.º Que a classe se faça representar oficialmente no comício por delegado.

## Secção da Construção Civil de Belém

Realizou-se nesta Secção uma sessão de protesto contra a ganância dos senhores, carestia da vida e horário de trabalho, que esteve muito concorrida, vendo-se muitas companheiras dos nossos camaradas, o que prova que já vêm compreendendo qual a sua miséria dentro duma sociedade nova.

Falam camaradas delegados dos corticeiros, da U. S. O. e diversos camaradas, que energicamente verberaram os roubos cometidos pelos honrados comerciantes e a ganância dos senhores, que querem extorquir as últimas fatias de pão que o operariado tem para dar aos filhos. Igualmente foi verificado o sofisma de que o patronato quer solvidos a não acceder à ganância inacreditável do novo senhor.

## Manipuladores de tabaco

Na sessão de propaganda pró-inquérito, fizeram uso da palavra os delegados da U. S. O. António Serrano e Armando Ferreira, que ergueram o seu protesto contra o facto dos governantes proibir o comício de hoje. Falaram ainda Salvador, pelo pessoal dos tabacos e Manuel Soares, delegado da Construção Civil.

## Postos sindicais do barbear

Continuam os camaradas barbeiros, vitimas do recente movimento grevista, a prestar os seus serviços profissionais nas sedes da União dos Sindicatos Operários, Federação da Indústria Mobiliária e na do respectivo sindicato profissional, de esperar sendo que os trabalhadores prefiram os serviços dessas vítimas do industrialismo, que são o auxílio do proletariado seriam condenados a perecer à mingua.

Auxiliar esses camaradas é um dever dos seus irmãos de sofrimento.

**Os funcionários municipais**

**serão aumentados?** — A discussão da proposta continua

Quasi no final da sessão, iniciou-se a discussão da proposta de lei que o governo contraria um empresário

de cinco mil e tantos contos, a

deputado, que as ideias boas aparecem.

E' um raciocínio inteligente, este do

sr. João Gonçalves, que conseguira o

sr. João Gonçalves tornar proprietários todos os rurais? Não conseguindo, os

que não fossem continuarem revoltando-se; e conseguindo, quem trabalharia a terra? Os próprios proprietários só?

Mas a civilização, as necessidades sociais não comportam a produção individual. A pequena propriedade é a maior dificuldade que se opõe à aplicação, absolutamente indispensável, da agricultura mecânica.

**Os funcionários municipais**

**serão aumentados?** — A discussão da proposta continua

Quasi no final da sessão, iniciou-se a

discussão da proposta de lei que o

governo contraria um empresário

de cinco mil e tantos contos, a

deputado, que as ideias boas aparecem.

E' um raciocínio inteligente, este do

sr. João Gonçalves, que conseguira o

sr. João Gonçalves tornar proprietários todos os rurais? Não conseguindo, os

que não fossem continuarem revoltando-se; e conseguindo, quem trabalharia a terra? Os próprios proprietários só?

Mas a civilização, as necessidades sociais não comportam a produção individual. A pequena propriedade é a maior dificuldade que se opõe à aplicação, absolutamente indispensável, da agricultura mecânica.

**Os funcionários municipais**

**serão aumentados?** — A discussão da proposta continua

Quasi no final da sessão, iniciou-se a

discussão da proposta de lei que o

governo contraria um empresário

de cinco mil e tantos contos, a

deputado, que as ideias boas aparecem.

E' um raciocínio inteligente, este do

sr. João Gonçalves, que conseguira o

sr. João Gonçalves tornar proprietários todos os rurais? Não conseguindo, os

que não fossem continuarem revoltando-se; e conseguindo, quem trabalharia a terra? Os próprios proprietários só?

Mas a civilização, as necessidades sociais não comportam a produção individual. A pequena propriedade é a maior dificuldade que se opõe à aplicação, absolutamente indispensável, da agricultura mecânica.

**Os funcionários municipais**

**serão aumentados?** — A discussão da proposta continua

Quasi no final da sessão, iniciou-se a

discussão da proposta de lei que o

governo contraria um empresário

de cinco mil e tantos contos, a

deputado, que as ideias boas aparecem.

E' um raciocínio inteligente, este do

sr. João Gonçalves, que conseguira o

sr. João Gonçalves tornar proprietários todos os rurais? Não conseguindo, os

que não fossem continuarem revoltando-se; e conseguindo, quem trabalharia a terra? Os próprios proprietários só?

Mas a civilização, as necessidades sociais não comportam a produção individual. A pequena propriedade é a maior dificuldade que se opõe à aplicação, absolutamente indispensável, da agricultura mecânica.

**Os funcionários municipais**

**serão aumentados?** — A discussão da proposta continua

Quasi no final da sessão, iniciou-se a

discussão da proposta de lei que o

governo contraria um empresário

de cinco mil e tantos contos, a

deputado, que as ideias boas aparecem.

E' um raciocínio inteligente, este do

sr. João Gonçalves, que conseguira o

sr. João Gonçalves tornar proprietários todos os rurais? Não conseguindo, os

que não fossem continuarem revoltando-se; e conseguindo, quem trabalharia a terra? Os próprios proprietários só?

Mas a civilização, as necessidades sociais não comportam a produção individual. A pequena propriedade é a maior dificuldade que se opõe à aplicação, absolutamente indispensável, da agricultura mecânica.

**Os funcionários municipais**

**serão aumentados?** — A discussão da proposta continua

Quasi no final da sessão, iniciou-se a

discussão da proposta de lei que o

governo contraria um empresário

de cinco mil e tantos contos, a

deputado, que as ideias boas aparecem.

E' um raciocínio inteligente, este do

sr. João Gonçalves, que conseguira o

sr. João Gonçalves tornar proprietários todos os rurais? Não conseguindo, os

que não fossem continuarem revoltando-se; e conseguindo, quem trabalharia a terra? Os próprios proprietários só?

Mas a civilização, as necessidades sociais não comportam a produção individual. A pequena propriedade é a maior dificuldade que se opõe à aplicação, absolutamente indispensável, da agricultura mecânica.

**Os funcionários municipais**

**serão aumentados?** — A discussão da proposta continua

Quasi no final da sessão, iniciou-se a

discussão da proposta de lei que o

governo contraria um empresário

de cinco mil e tantos contos, a

deputado, que as ideias boas aparecem.

E' um raciocínio inteligente, este do

sr. João Gonçalves, que conseguira o

sr. João Gonçalves tornar proprietários todos os rurais? Não conseguindo, os

que não fossem continuarem revoltando-se; e conseguindo, quem trabalharia a terra? Os próprios proprietários só?

Mas a civilização, as necessidades sociais não comportam a produção individual. A pequena propriedade é a maior dificuldade que se opõe à aplicação, absolutamente indispensável, da agricultura mecânica.

**Os funcionários municipais**

**serão aumentados?** — A discussão da proposta continua

Quasi no final da sessão, iniciou-se a

discussão da proposta de lei que o

governo contraria um empresário

de cinco mil e tantos contos, a

deputado, que as ideias boas aparecem.

E' um raciocínio inteligente, este do

sr. João Gonçalves, que conseguira o

sr. João Gonçalves tornar proprietários todos os rurais? Não conseguindo, os

que não fossem continuarem revoltando-se; e conseguindo, quem trabalharia a terra? Os próprios proprietários só?

Mas a civilização, as necessidades sociais não comportam a produção individual. A pequena propriedade é a maior dificuldade que se opõe à aplicação, absolutamente indispensável, da agricultura mecânica.

**Os funcionários municipais**

**serão aumentados?** — A discussão da proposta continua

Quasi no final da sessão,

# A Venda nas principais livrarias

Pedidos à EMPRESA EDITORA POPULAR, Rua do Poço dos Negros, 79 a 83-A - Lisboa  
ou á administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.º - Lisboa

## Ouvindo um dos expulsos

Os governantes brasileiros contam na sua obra de perseguição a operários honestos, acusando-os de bolchevistas, pretexto éste de que se serve à maravilha para a deportação de todos aqueles que tem a coragem de saber impor aos seus processos reacionários.

Assim, chegaram na segunda feira, os governantes brasileiros contam no círculo das infâmias das autoridades, não só a sólido do Estado, como das empresas canadienses, que naquela cidade e em muitos outros lugares exploram a humanidade.

Conduzidos para S. Paulo, juntaram-se os camaradas que ali já tinham sido vitimados das mesmas violências. Seguimos todos para o Rio de Janeiro, o vapor Benavente, mais vinte e dois camaradas expulsos do Brasil, e não é um, conforme dissemos, pelo grande crime de serem operários conscientes, sendo onze portugueses e os restantes espanhóis, segundo estes a bordo do mesmo barco para Espanha. Aquelas encontram-se detidas na esquadra do Caminho Novo e conseguiram que um deles nos relatasse as causas da expulsão.

O motivo da nossa prisão - diz-nos o citado camarada - que serviu de pretexto a sermos deportados como perigosos bolchevistas, foi por pretendermos declarar a greve, no caso de não termos atendidos nas reclamações que haviam sido entregues às respectivas empresas.

Os exploradores do Brasil, na sua maioria estrangeiros, mancomunados com a polícia, mandam prender e deportar todos aqueles que se revoltam contra a situação desesperada em que se encontram as classes trabalhadoras daquele país. Ali não se pode ser operário honesto, porque não ganhamos o suficiente para o nosso sustento e da família; em greve não podem os operários declarar-se porque são logo apontados como elementos perturbadores da ordem, bolchevistas, etc. O prenúncio que recebemos, depois de empregarmos a nossa energia na luta do pão-pão de cada dia durante seis, oito, dezenas, vinte e mais anos, foi a nossa deportação.

São assim tratados os estrangeiros

Brasil pelas autoridades e seus serventes, enquanto vários representantes sociais apregoam por todo o Universo que aquele país é a terra das liberdades, a terra da promissão, fazendo a propaganda emigratória, ludibriando os trabalhadores. Por isso, gritamos aos nossos irmãos daqui que não deixem ludir pelos pseudo-agents e representantes de empresas que ali estableceram a sua desenfreada exploração!

- Após a vossa prisão - qual foi o procedimento das autoridades?

- Sobre isso, muito teríamos a dizer, mas, para não ocupar muito tempo, citaremos alguns factos que dizem bem o que vale para as autoridades brasileiras o povo trabalhador. Fomos todos arbitrariamente presos e alguns curiosamente expulsos e metidos em prisões.

E assim terminou o nosso camarada o seu relato, concluindo nós que as autoridades daquela república não desarmam o seu nefasto propósito de perseguir os trabalhadores conscientes, pelo único crime de pensarem livremente no estado em que se achavam!

## Resoluções dos aliados

sobre a situação económica da Europa

ROMA, 25 (T. S. F.) - O Conselho Supremo Económico, na sua sessão de domingo, examinou a atual situação dos serviços postais, telegráficos e telefónicos, decidindo propor com urgência uma reunião de técnicos de todos os países interessados, que estudarão o modo de melhorar a situação.

O Conselho discutiu, em seguida, a questão das suas relações com a Sociedade das Nações, expondo o sr. Noullens a tese do governo francês, o qual é persuadido de que a cooperação entre os aliados deve continuar. Grandes interessados devem ser constituídos entre a sociedade das nações e a comissão das reparações. O governo francês julga chegado o momento de consultar as outras delegações sobre as negociações a estabelecer entre o conselho e os seus órgãos.

O sr. Robert, delegado inglês, declarou que o governo inglês tende a manter a sua organização.

Depois do que se ouviu sobre esta questão, os delegados belgas e italianos viraram o sr. Saller, representante da Sociedade das Nações, a expôr o seu ponto de vista sobre esta questão.

O sr. Saller insistiu na utilidade do Conselho Supremo Económico e demonstrou a necessidade da sua ação, especialmente na primavera de 1920, para fazer face à situação económica da Europa, propondo que o Conselho se conserve até à sua transformação numa comissão económica sob os auspícios da Sociedade das Nações, ocupando-se diretamente de obter todas as informações possíveis sobre o estado económico da Europa, fazendo o possível para prestar a opinião pública, mantendo-se em contacto com a secção económica da Sociedade das Nações.

O sr. Volpi apresentou uma moção para que qualquer decisão seja tomada na ordem do dia da próxima reunião, dando ordem à comissão permanente Londres para estar em contacto com a Sociedade das Nações, sendo aprovada. A data da próxima reunião está para o meze de Janeiro, em Pa-

## JUÍZES E RÉUS

AO 5.º Juiz de investigação criminal, caro-  
teiro escrivão Jacobetti foi antenho-  
rado Carlos Tomás Paixão, 21 anos, de-  
mocrata, que é o chefe da esquadra  
inglesa nas águas russas, se despe-  
diu do dr. Strahlerberg, secretário do  
estado finlandês. A esquadra inglesa  
recebeu ordem de sair do Báltico an-  
tes que se formem os gelos. - Rádio.

## A esquadra inglesa abandona o Báltico

BASILEIA, 24. - A "Agência Europa Presse" sabe de Helsingfors que o almirante Powan, comandante da esquadra inglesa nas águas russas, se despediu do dr. Strahlerberg, secretário do estado finlandês. A esquadra inglesa recebeu ordem de sair do Báltico antes que se formem os gelos. - Rádio.

## Na Sérvia

Um roubo no ministério dos es-  
trangeiros

ROMA, 24. - Foi roubado do arqui-  
vo do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Belgrado uma carta particu-  
lar do presidente Wilson, na qual pro-  
metia aos yugo-slavos várias concessões políticas em nome dos aliados.

O jornal "Il Tempo" diz que segura-  
mente este é implicado no roubo ma-  
dame Vosnitch, mulher do ministro dos negócios estrangeiros. - Rádio.

## Guias perdidas

Joaquim de Oliveira, operário da Refinaria Colonial, perdeu ontem, de Alcântara à Ribeira Nova, três guias de despacho do caminho de ferro, motivo por que foi suspenso pela direção da fábrica, onde trabalhava há dez anos. Pede a quem tiver achado as referidas guias a finaça de as entregar na rua do Mastro. 34. 4.º andar ou nessa redac-  
ção.

mesmo distrito e com a mesma consi-  
tuição de tribunais respondem José dos Santos Carvalho, solteiro, morador da co-  
chela, de Santarém, acusado de em 11 de Novembro de 1918 ter furtado e seu pato-  
arrelo da Cruz no valor de 50 escudos e a Gil da Silveira, um cavalo no valor de 30 escudos. Confessou a Gil de seu cri-  
me como provados, recorreu ao juiz, que  
segundo juiz superior à 40 e inferior à 100 escudos, pelo que foi condenado no tempo de prisão preventiva e mais, 30 dias, 60 dias de multa e 10 centavos por dia, custas e despesas.

Assim andei não sei quanto tempo  
tempo nos dias chuvosos as horas são  
iguais, monotonamente iguais.

## CONTOS DE «A BATALHA»

# O enterro de Marcolino

Acordei triste porque o dia surgiu sombrio. Lembrei-me de sábito que prometerei a mim próprio acompanhar o enterro do Marcolino. Saltei do leito. Fraquejaram-me as pernas, estava fraco, há três dias que não comia. Não pôde deixar de sorrir; eu que sofria a minha fome, a minha miséria em silêncio ia acompanhá-lo, por compaixão, o Marcolino, pedinte, que toda a vida esmorelara, nunca sentira fome e até se lhe dilatara o ventre sob a pressão de imersas indigestões.

Fiquei abstrato, espectro de mim mesmo, olhando sem ver qualquer cousa de que me não lembrava bem. Percebi, passados instantes, que outro homem alvado discutia com os da carreta e acerquei-me distraídamente.

- Só se vocês lhe pagarem, dizia ele. - Nós não temos obrigação disso, respondeu o que mais praguejara durante o trajeto, e mesmo assim era mos sós três.

- Faltava um, acrescentou o outro. Não havia quem levasse o morto à cova. Conciliei a questão.

- Não percamos o tempo à chuva; eu preencho o que falta. Vamos a isso!

- Vamos a isso, repetiu um dêles.

E puzemo-nos silenciosamente a caminho.

Ernestina, que entretanto espreitava o interior dum jazigo, aproximou-se agarrando o chão.

- Nunca mais pára esta chuva!

Não obteve resposta. Cada um dos quatro, imerso em negros pensamentos, maliciava a sua sorte.

Chuva sempre. Marchavamo-nos por entre os jazigos e mausoléus brancos. Mas que branco tam triste, que tam escuro! O sol oculto não criava sombra porque tudo era sombra. Era sombrio o marmore, sombrios os ciprestes quedos; e nos caminhantes dessa estrada da morte, eramos pezados naquele silêncio.

De onde a onde pousávamos o caixão em bancos de ferro e descansávamos.

Ernestina sofría horrivelmente, como se lhe tivessem tapado a boca.

- Sabe quem se entra hoje também? perguntou ela com ar desanimado.

- Não sei, não quer saber.

Una só questão me interessava. Saí daquele círculo negro que me envolvia o pensamento. Que necessidade em tâmbem de esquecer. Mas esquerer o quê? Desejava por momentos um colchão fôfo e quente, estender sobre ele os membros fatigados e ficar-me para ali esquecido do mundo e de mim.

No entanto as pernas arrastavam-me por hábito e eu lá ia, lá ia caminhando sempre.

Deixáramos a muda magestade dos ciprestes altos e das áleas estreitas, atravessávamo-nos agora sobre as campas rasas e silentes. Que desolação! Um campo lacustre e vasto cortado ao fundo por um tanque negro. Para lá o cinzento profundo do céu, o cinzento nubeloso do rio, confundindo-se as cores sem cônico infinito.

Algumas cruzes pretas abriam para nós os braços afilados; a terra molhada aderia aos pés tornando-os insuportavelmente pesados; mal os podia levantar, por vezes, como se mãos invisíveis de mortos mos prendessem, me puksasse para a sua podridão, para o desenterramento. Eu desvia tanto deixar-me arrastar, ser levado por uma fôrça que não fosse a minha, ser arrancado sem esforço men a vida onde apertei, sem ser consultado!

A chuva caia impiedosa, encharcando tudo em redor, alagando-me de uma melancolia imensa.

Paramos finalmente junto de um buraco escuro, rectangular, pleno de água barrenta. Que bom seria penetrar naquela escuridão e repousar no seu fundo misterioso!

Dois homens aproximaram-se. Um disse em voz cava:

- Bom dia.

O outro quedou-se alto, mudo como um cipreste.

O que falou abriu o caixão. Ernestina espreitou. Cal niva baldeada sobre o casaco esburacado, a barba suja e os olhos vítreos de Marcolino.

Só ento me recordo nitidamente do motivo porque ali me encontrava. - Por causa de Marcolino.

Cinematograficamente, a sua vida, que me conta numa noite de confidências, através de um só cérebro.

A vida que alíndava, pareceu-me escura como aquele dia. Sem a larga claridade dum herofismo, sem um ideal elevado, sem um gesto nobre, Marcolino passou sempre despercebido na pesada sombra da sua hipocrisia. Não legou à humanidade uma palavra sá. Foi sempre de mais na comunidade. Nunca amou e o que não ama não vive. Quem espira amor recebe amor; Marcolino não foi amado.

A vida do pedinte é a vida dum co-  
bardo! O pedinte percorre de noite a estrada da vida. Sempre na sombra. Ningum o nota, ninguém o vê; é muitas vezes uma felicidade oculta aí dentro.

Os meus pensamentos foram de su-  
bito interrompidos. A tampa caixa, lentamente, caiu sobre o caixão desceu até tocar a água barrenta, pareceu hesitar e... des-  
apareceu num glú-glu sinistro.

Marcolino passou, ninguém mais nellé.  
As comissões conciliais já organiza-  
das são em número superior a duzentas.

• • •

Na Sérvia

Um roubo no ministério dos es-  
trangeiros

ROMA, 24. - Foi roubado do arqui-  
vo do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Belgrado uma carta particu-  
lar do presidente Wilson, na qual pro-  
metia aos yugo-slavos várias concessões políticas em nome dos aliados.

O jornal "Il Tempo" diz que segura-  
mente este é implicado no roubo ma-  
dame Vosnitch, mulher do ministro dos negócios estrangeiros. - Rádio.

• • •

Mário DOMINGUES.

• • •

Guias perdidas

Joaquim de Oliveira, operário da Refinaria Colonial, perdeu ontem, de Alcântara à Ribeira Nova, três guias de despacho do caminho de ferro, motivo por que foi suspenso pela direção da fábrica, onde trabalhava há dez anos.

Pede a quem tiver achado as referidas guias a finaça de as entregar na rua do Mastro. 34. 4.º andar ou nessa redac-  
ção.

• • •

Assim andei não sei quanto tempo

tempo nos dias chuvosos as horas são

iguais, monotonamente iguais.

## Para remediar a crise dos transportes

Uma solução original

PARIS, 24. - A "Presse de Paris" es-  
creve:

- Dois técnicos, os engenheiros Moreau e Archer, propõem uma solução origi-  
nal que não tem relação alguma com as que tem sido apresentadas agora, para  
remediar a crise dos transportes. Com essa solução teremos ao mesmo tempo  
um suplemento considerável de locomo-  
tivas e poderemos reservar uma impor-  
tante quantidade de carvão para os usos domésticos.

Trata-se com efeito de utilizar como  
pequenas locomotivas de estrada, os  
pequenos camions que nos parques do  
exército permanecem inutilizados, em-  
pregando benzina e petróleo como  
combustível. Um camion que numa  
estrada estreita arrasta uma carga de  
quatro toneladas, pode ser um con-  
sumo anormal de benzina reboçar uma  
carga de quarenta toneladas. A modifi-  
cação dos camions limita-se a substituir  
as rodas de madeira por rodas aroadas  
e azerem a estrada.

Para o efeito cumprimenta da lei do ho-  
rário de trabalho, que querer fazer cumprir  
a todo o transe, tem reunião amanhã as  
22 horas.

Como no decorrer dessas sessões se en-  
contrasse o industrial Queiroz, proprietário  
da antiga fábrica do Macédo, no Cas-  
calho, se resoluviu enviar a esse industrial  
uma carta pedindo-lhe aumento de salário,  
para aumentar a crise que as classes tra-  
badoras travaram.

Feita a carta, é quando os operários das  
fábricas se dispunham a entregar a

estrada, os que eram os seus chefes  
que era deputado, os que eram gerentes  
e os que eram administradores, se levantaram  
e se consideraram também despedidos.

Todos em comissão procuraram os indus-  
striais, o que qualquer que era deputado  
ou gerente, que responderam nem despedidos,  
sendo isto de inteira responsabilidade do  
gerente.

Vê-se, por isto, que é uma vingança mes-  
mamente do citado gerente, por ser esse  
operário alvejado pela sua vil bilis, os  
que compreendem os seus deveres de trabal-  
hador.

Reunido esse camarada, como era devido  
o seu mestre, tendo ficado o gerente que<br

N.º 272 de A BATALHA Folhetim N.º 7

## A BATALHA

Diário sindicalista

27-11-1919

**Terra Livre**  
ROMANCE COMUNISTA  
POR  
**JEAN GRAVE**

VII

Nem contra os simpáticos ao movimento rebelde que ficasse nesse campo, era necessário o armamento, pois que, ou por livre eleição, ignorância ou resto de temor inspirado pela disciplina, os que haviam ficado no acampamento oficial permaneciam por sua própria vontade. Além disso, a proximidade do campo livre teria feito perigoso o emprego da força contra os indivíduos.

A situação era verdadeiramente estranha. Só devido à visibilidade é que os deportados se viam obrigados a conservar uma sobrevivência, ainda que muito ligeira, do militarismo e a sociedade autoritária necessária de contar com a boa vontade de todos os seus participantes e de renunciar, pela força das circunstâncias, a algum dos seus meios coercitivos.

Vós é que tendes a culpa — diziam os deportados aos soldados — de nos ver-

mos obrigados a armar tropas; porém perdei o cuidado, que isso não é mais que uma tarefa que desempenhamos a tal nos obriga e não se converterá em instituição porque temos grande cuidado em não criar chefes e abandonar os homens quando entre vós houver mais inteligência.

Sim, sim — replicavam os Arctusianos, tal era o nome que lhes davam os deportados, enquanto que estes, ratificando o nome dado à ilha por Samiac, se denominavam Terraliberianos — o tempo, o dia. Vós não queréis chefes, mas os os mais fortes e astutos vos governarão, ou acabareis por matar-vos uns aos outros.

O desembarque levou bastante tempo, porque se decidiu transportar para terra tudo o que de portátil continha *La Aretusa* e não se dispunha de mais que três chalupas, uma delas a vapor; as restantes levaria-as o temporal, todavia, tudo se levou a feliz termo sem a menor dificuldade. Resolveu-se destruir o barco, para arrancar todo o ferro e que tam útil seria em terra, assim como as grandes peças de artilharia, mas para isso seria necessário construir plataformas capazes de suportá-las e, por isso, essas operações foram adiadas até que as permitisse os trabalhos de instalação, porque era necessário dedicarem-se com urgência à agricultura e também à construção de habitações definitivas.

Quando tudo que era suscetível de transporte se encontrou em terra, fez-se o inventário dos víveres e, segundo a promessa dos terraliberianos, distri-

buiu-se lealmente à pró-rata dos indivíduos de cada comunidade. Também se repartiram os instrumentos, utensílios e outros objectos de alguma utilidade, como as sementes e rafzes de que falou o comandante. Unicamente as armas foram monopolizadas pelos terraliberianos.

Como aos Arctusianos era mais custoso o transporte por se encontrar o seu acampamento mais longe da praia, os Terraliberianos ajudaram-nos a construir padiolas que facilitaram a tarefa. O transbordo do barco á costa e, para os Arctusianos, da costa para o seu campo, exigiu algumas semanas.

O val-vem de um campo para o outro, as relações contínuas entre soldados, marinheiros e deportados, produziram naturalmente discussões e trocas de impressões e ideias. Os oficiais, não querendo comprometer a sua dignidade, não tinham voltado a pôr os pés no campo dos deportados, desde a sua única visita acompanhando o comandante para o pedido de licença para a visita de *La Aretusa*.

Os grupos de serviço eram comandados por sub-tenentes, que em muitas ocasiões tinham que usar da tolerância, dando extraordinária elasticidade ao rigor da ordenança. Muitas vezes se suspendeu o trabalho para se discutir com maior comodidade.

Depois de efectuada a última viagem dos Arctusianos, levando o resto do que lhes tocara, a população terraliberiana via-se aumentada com uma dezena de transtugas de *Aretusa*.

Os grupos de serviço eram comandados por sub-tenentes, que em muitas ocasiões tinham que usar da tolerância, dando extraordinária elasticidade ao rigor da ordenança. Muitas vezes se suspen-

diam os trabalhos para se discutir com maior comodidade. Resolueu-se convocar uns cortavam árvores, partiam troncos e renovavam tábors, outros cavavam os alicerces, removiam terras e rasgavam subterrâneos.

Decorreram quinze dias antes que terminasse a construção dessas instalações, pois não possuíam nenhum meio de transportes; as árvores foram arrastadas com cordas desde o sítio onde as tinham cortado até àquele em que iam ser empregadas. Além disso, não posso dizer mais que machados e serras de mão em pequeno número, para obter uma só tábora era necessário cortar troncos inteiros. Apesar de empregarem muito as árvores pequenas, sempre se tropeçava com a escassez de ferramentas. Afortunadamente, a madeira abundava e, naquele momento, mais importância se dava à solidez que à elegância. A oficina de carpintaria de bordo subministrava muita ferramentaria, que facilitou em muito a tarefa.

Por fim, viu-se a obra terminada e, em pouco mais de duas semanas depois da divisão do despojo do barco entre os dois grupos, os víveres e as mercadorias, já estavam reunidos, um deles subiu a um tronco e tomou a palavra:

— Companheiros, já realizámos uma parte do trabalho necessário, é necessário continuar e para isso reúmimos. Agora que pusemos as nossas provisões a coberto, é necessário renová-las antes que se esgotem. Como é um assunto que interessa toda a gente, que cada um de a sua opinião, que aqueles que tem já uma ideia a exponham, para se decidir o que há a fazer.

— Que pensas tu? — perguntaram. — O que penso em particular é bem simples. É coisa combinada que, dada a pequena quantidade de sementes e rafzes de hortaliça que possuímos, e para evitar perdas e desperdícios, tudo se cultivará em comum.

— De acordo — confirmaram várias vozes.

— Pois só falta decidir onde e quando devemos começar a arrotear.

— Lemaire acabou de expôr a situação — disse um que no extremo da praça sobressaía sobre as cabeças de todos, conhecido por Berthaut, que era o seu comandante. Quando a conhecermos, saberemos com que contar e com conhecimento de causa poderemos decidir onde convém estabelecer-nos e calcular o trabalho necessário.

— Eu — disse Berthaut — repetirei o que já se disse no decurso destas discussões: devemos permanecer próximo da costa, onde fizemos os trabalhos para a instalação provisória. O terreno não falta em redor e parece-me perfeitamente apropriado, sem mais inconveniente que o da escolha. Aproxima-se o tempo das sementeiras; não desperdiçemos. Além disso, nem todos são indispensáveis para estes trabalhos, podendo nós desfazer uma dezena de companheiros para explorarem a ilha.

Então dominaram as conversações particulares, prolongando-se por alguns momentos. Por fim, uma voz clamou a atenção geral:

— Eu tenho alguns conhecimentos geológicos e creio que não posso empregá-los melhor que ajudando ao reconhecimento da ilha. Se uma dezena de companheiros quere unir-se a mim,

amanhã nosaremos a caminho.

— Pois é assunto arranjado — disse Berthaut — os que quiserem acompanhar Thievand, que se entendam com ele e com os armazéns, para tomar os

utensilios e viveres necessários. Agora que se prende com a escolha de terreno a arrotear, julgo necessário antes de qualquer discussão, que aquelas que tem conhecimentos agrícolas dêem o seu parecer. Não há competências entre nós?

— Eh, Thivand! Tens a palavra.

Um redemoinho se produziu na multidão e um colon subiu ao trono que ocupava Berthaut.

— Camponeses? Sim, eu sei de um dezena que conhece o ofício; eu comprovei-o em dêles e não há dúvida de que seremos de uma grande utilidade para a colônia.

— Magnífico! — disse um — A agricultura que carecia de braços, brota aqui cabecas.

— Já estranhava que Forges se não saisse com uma maluquice — disse outra.

— Que julgas, pois, que se deve?

— Em primeiro lugar — disse Thivand — convém fazer um inventário dos instrumentos e ferramentas que possuem e saber como substituí-los as que faltam. Já me informei detalhadamente e parece-me que a falta principal isso.

— Bom pensamento! — disse uma voz aquela que se não tinha.

— Como se faz uma lista de tudo que se encontra em armazém, pode-se encontra em seguida. Creio que Barthaut é o armazém; que nos diga quem guarda.

(Continua)

**OURIVESARIA**  
**A REALIDADE**  
**OURO E JOIAS**  
Compra e vende por melhor preço

**OURIVESARIA**

**A Realidade**  
44, Rua Eugénio dos Santos  
(Antiga Rua de Santo Antão)

**Seguros Sociais Obrigatórios**

Contra desastres no trabalho

Pedir as cadernetas para a inscrição obrigatória do pessoal ao CONSELHO GERAL DE SEGUROS CONTRA ACIDENTES E RESPONSABILIDADE CIVIL.  
LISBOA, RUA IVENS 49 — PORTO, RUA SÁ DA BANDEIRA, 222

696

**Solas e Cabedais**

COLOSSAL SORTIDO e miudezas que diz respeito

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Trem à disposição dos Exmos. fregueses —

TELEFONE 949-C.ogramas Tremcabedais

RUA DO MOURA, 93-95

LISBOA N.º 680

**DINHEIRO**  
18, Ruado Loreto, 20  
**JOSÉ MAYER**

Nesta acreditada casa, continua-se transaccionando sobre todos os objectos, quer em roupas, ouro, joias, mobiliás e outros artigos, sempre que oferecam garantia, dando-se sempre o máximo e levando o mínimo juro. Seriedade e sigilo.

Compra e vende antiguidades, casas completas e móveis desfranquinhados.

(685)

**MADEIRAS**  
e materiais de construção nacionais e estrangeiros

Grande sortimento de soalhos de pinho de primeira qualidade

Ferros e fasquias de todas as qualidades

YIGAMENTO DE PINHO EM GROSSO E SERRADO, GÁSQUINHA E APRUCE

Ferragens, pregos, telhas, tijolos, cal, cimento e manilhas

**JOÃO DE OLIVEIRA DUQUE**

288, RUA DO BEMFORMOSO, 290 — LISBOA

DEPOSITO — Estrada de Sacavém, 261-A

695

**NICOLAU GOMES CORRÉA**

Alfaiaje-Mercador

Fornecedor dos Empregados das Companhias de Ferro Portuguesas, do Sul e Sueste, da Caixa dos Operários da Câmara Municipal de Lisboa, da Cooperativa da Fábrica de Matérias de Guerra.

Variado sortimento de laniamentos para todos os tipos de senhoras, roupas, padres da moda, preços limitados.

**ALEIJATARIA** Especializada em fitos, sobre-tudos, casacos de senhora, e saias.

255-Rua dos Fanqueiros-255

**Reumatismo**

sendo os preços por caixinha de 3:600

caixinhas (25 grossos):

Fitas de enxofre 36\$00 ou \$01 por

ditos Amorfos, 72\$00 ou \$02;

ditos de Cera Comum, 72\$00 ou \$02;

ditos de Cera de Luxo n.º 1 (quarto de

caixote), 36\$00 ou \$04; ditos de Cera

de Luxo n.º 2 (quarto de caixote), 27\$00

ou \$03 por caixinha, com o desconto

de 10% off, seja qual for o número

de grossos pedidos.

Qualquer queixa acerca da demora

da execução dos pedidos ou falta de

concessão do desconto, devem ser diri-

gidas à Companhia Portuguesa de Fos-

foros, rua de S. Julião, 139-LISBOA.

(631)

Seja elas de que qualidade for e antigo

que seja, a sua cura é certíssima e em

poucos dias sentindo-se prontos alívios

logo em seguida às primeiras vezes que

se usar. Cada tubo 1\$50, pelo correio

mais \$20. Vende-se na travessa da Oliveira, 21, r/c. D. (ao Largo da Estrela).

(631)

REDAÇÃO em TOMAR vende-se na oficina de alfaiate e escrivão de Raimundo Ribeiro, rua Leiria, onde recebe anúncios e correspondências.

Trabalhadores lide e propaganda

**O inverno chega!!**

e também tem chegado vários artigos que formam o completo sortido da

**“Parisienne”**

Chapéus, gravatas, bengalas, camisas, pa-roures de malha de lã, algodão, guardanapos, lenços para homem e criança, um pa-chope de galochas para homem, senhora e criança, recebidos dos principais centros comerciais. Recomenda-se uma visita a este estabelecimento não só para verificar a veracidade do que se expõe, como também pela forma encarregada como são feitas as transacções e a modicidade de preços.

60, Rua Nova do Almada, 62  
124, Rua de São Nicolau, 128  
TELEFONE-C. 715



**ISIDRO IRNEIRO & C. A.**

ALFAIAJES

50, 1.º Rua do Loreto (Próximo à Praça de Camões)

Confeções para homem e senhora

Especialidade em trajes a rigor

Tecidos do mais requintado fino gosto tanto nacionais como estrangeiros

Acabamento rápido e primoroso

N.º 682

**SIFILIS**

Grande descoberta de plantas para a cura da sifílis e de todas as doenças que derivem da impureza do sangue. Canticos de pessoas se tornaram curados. Trata-se de todas as doenças por meio de ervas.

Ribeira — 25 de Novembro de 1919 — O Director Geral — Ferreira de Mesquita.</p